

CENTRO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO - UNIBRA
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

DINAIA NOGUEIRA DA SILVA
LIZIANE RAMALHO DOS SANTOS
LUIZ FERNANDO SOARES DOS SANTOS

**ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS COM
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)
POR MEIO DA LUDICIDADE E O AUXILIO DA
TECNOLOGIA**

RECIFE/2021

DINAIA NOGUEIRA DA SILVA
LIZIANE RAMALHO DOS SANTOS
LUIZ FERNANDO SOARES DOS SANTOS

**ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS COM
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) POR
MEIO DA LUDICIDADE E O AUXILIO DA
TECNOLOGIA**

Artigo apresentado ao Centro Universitário Brasileiro – UNIBRA,
como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura
em Pedagogia.

Professor Orientador: Esp. Hugo Christian de Oliveira Felix

RECIFE/2021

S586a

Silva, Dinaia Nogueira da

Alfabetização de crianças com transtorno do espectro autista (TEA) por meio da ludicidade e o auxílio da tecnologia. / Dinaia Nogueira da Silva; Liziane Ramalho dos Santos; Luiz Fernando Soares dos Santos. - Recife: O Autor, 2021.

25 p.

Orientador(a): Hugo Christian de Oliveira Felix.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Centro Universitário Brasileiro – Unibra. Licenciatura em Pedagogia, 2021.

1.TEA. 2.Ludicidade. 3.Inclusão. 4.Autismo.
5.Alfabetização. 6.Tecnologia. I. Centro Universitário Brasileiro - Unibra. II. Título.

CDU: 37.01

DINAIA NOGUEIRA DA SILVA
LIZIANE RAMALHO DOS SANTOS
LUIZ FERNANDO SOARES DOS SANTOS

**ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS COM
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) POR
MEIO DA LUDICIDADE E O AUXILIO DA
TECNOLOGIA**

Artigo aprovado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, pelo Centro Universitário Brasileiro – UNIBRA, por uma comissão examinadora formada pelos seguintes professores:

Esp. Hugo Christian de Oliveira Felix
Professor Orientador

Professor(a) Examinador(a)

Professor(a) Examinador(a)

Recife, _____ de _____ de 2021.

NOTA: _____

Dedicamos esse trabalho as nossas famílias, as quais nos apoiaram e não nos deixaram desistir. Um agradecimento especial à Pâmela Lima, Assíria Cruz e Audeni Ramalho.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente a Deus por ter nos concedido esta oportunidade nos dando sabedoria, força e foco para concluirmos mais essa etapa que acreditamos que não será a única. Somos gratos ao Centro Universitário Brasileiro – Unibra, aos professores que sempre nos apoiaram e estiveram presentes em grande parte deste trabalho.

Eu, Dinaia Nogueira, agradeço aos meus colegas Liziane e Luiz na construção desse trabalho, os quais me deram forças nos momentos difíceis para que eu não desistisse. Agradeço, principalmente, a Luiz pela paciência, disponibilidade na digitação desse trabalho e pelos puxões de orelhas.

Eu, Liziane Ramalho, agradeço aos meus amigos, que se prontificaram a trabalhar em equipe para começar e findar este trabalho. Agradeço, principalmente, ao meu falecido pai Cícero José, que me auxiliou nos momentos mais difíceis, a minha mãe Audeni Ramalho Pereira dos Santos, que sempre acreditou em mim, agradeço a minha filha Kaylane Kelly Ramalho, que foi minha engrenagem na vontade de vencer mais esse desafio e, por fim, agradeço a minha vó Beatriz Ramalho, que esteve ao meu lado e não me deixando desistir.

Eu, Luiz Fernando, faço meu agradecimento às pessoas valiosas que me ajudaram na construção desse trabalho. O meu muitíssimo obrigado a minha noiva Pâmela Lima, que me apoiou desde o início, me fazendo ter força e coragem de enfrentar todas as barreiras. Agradeço, também, ao meu pai Ademilton, minha mãe Fátima Soares e meu segundo pai José Maria que foram meus alicerces todos esses anos.

“Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre.”

(Paulo Freire)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	07
2 DELINEAMENTO METODOLÓGICO	09
3 REFERENCIAL TEÓRICO	11
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	14
4.1 Docentes capacitados melhoram o ensino.....	16
4.2 A tecnologia como instrumento metodológico.....	18
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
REFERÊNCIAS	22

ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) POR MEIO DA LUDICIDADE E O AUXÍLIO DA TECNOLOGIA

Dinaia Nogueira da Silva
Liziane Ramalho dos Santos
Luiz Fernando Soares dos Santos
Hugo C. de O. Felix¹

Resumo: Por ser um tema de tamanha grandeza e uma questão bem atual, assuntos relacionados à Alfabetização de Crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), por meio da ludicidade com auxílio da tecnologia, precisam ser mais discutidos e aprofundados. Desse modo, levantamos dados e conhecimentos através de teóricos que abordam sobre o tema trabalhado, a partir de uma abordagem metodológica qualitativa e uma pesquisa bibliográfica. Tendo em vista que a atividade lúdica é uma peça essencial para a aprendizagem e o crescimento de todo educando, observa-se que o lúdico é uma ferramenta eficaz no processo de alfabetização, pois favorece o desenvolvimento da criança em múltiplas habilidades e funções no plano cognitivo, social e emocional, considerando que as dificuldades do não aprendizado partem das limitações das crianças em compreender o que é ensinado, podendo ser relacionadas com diferentes aspectos. Nossa pesquisa agregou informações de grande importância sobre a utilização da tecnologia aliada aos jogos educacionais, os quais vêm ampliando as possibilidades dos professores em sala de aula ao utilizar esses recursos tecnológicos disponíveis ao seu favor, promovendo a inclusão e alfabetização dos mesmos. Desse modo, é preciso observar cada caso para que seja analisado segundo suas limitações e estudado por toda equipe pedagógica. Ademais, verifica-se, também, que os docentes são agentes ativos na formação dos cidadãos e no processo de aquisição da aprendizagem, colaborando com o conhecimento dos discentes, que também criam experiências na sua carreira profissional, buscando novas capacitações para atender às demandas da atual geração e das suas pluralidades.

Palavras-chave: TEA; ludicidade; inclusão; autismo; alfabetização; tecnologia.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é fundamentado em bases de dados e pesquisas acadêmicas, produzido com a finalidade de conclusão do curso de Pedagogia, o qual reúne informações que dizem respeito à alfabetização de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) através da ludicidade, sendo uma questão bem corriqueira

¹ Professor da UNIBRA. Esp. em Gestão Educacional. E-mail: .hugo.christian@grupounibra.com

na atualidade, necessitando ser discutida e aprofundada. Entendendo isso, sabemos que o TEA é uma síndrome que se apresenta com as principais características relacionadas aos problemas de comunicação verbal e não verbal, comportamento e socialização, os quais seus interesses são repetitivos e limitados (WHITMAN, 2015).

No que diz respeito ao desenvolvimento físico, nos autistas, é comum apresentar vários espectros, ou seja, variações diversas em suas maneiras de se manifestar em cada indivíduo. O TEA se manifesta em diferentes níveis de intensidade e temos que lidar com cada nível de forma diferenciada, desse modo, é algo que deve ser levado sempre em consideração, principalmente, as características que cada criança demonstra em seu cotidiano (SOUZA; MARQUES; PEREIRA, 2018). Observa-se que o diagnóstico é dado geralmente entre dois e três anos de idade.

Ao falarmos de Alfabetização, sabe-se imediatamente que não é um processo rápido e fácil. Alfabetizar é um conjunto de fatores que envolvem pensamentos e habilidades psicomotoras, que implicam todo o ambiente em que a criança está inserida, precisando desenvolver a coordenação motora total, coordenação visomotora, distinção da imagem e do som, além de entender a noção do espaço e do tempo (SOUZA; MARQUES; PEREIRA, 2018). A pesquisa bibliográfica mostra a importância das atividades lúdicas como um suporte para a alfabetização, já que os alunos constroem grande parte do seu conhecimento utilizando os processos lúdicos com base na aprendizagem (BARBATO, 2008 *apud* SOUZA; MARQUES; PEREIRA, 2018). De acordo com Falkembach (2006, p. 14),

toda a atividade lúdica agrada, entretém, prende a atenção, entusiasma e ensina com maior eficiência, porque transmite as informações de várias formas, estimulando diversos sentidos ao mesmo tempo e sem se tornar cansativo.

Dessa forma, a presente proposta visa o entendimento e a interpretação do tema desenvolvido, além de enfatizar a importância da ludicidade junto à alfabetização, trazendo pontos a serem discutidos na análise de cada espectro e buscar melhores formas metodológicas. Além disso, ela visa discutir a notoriedade do avanço histórico no entendimento do autismo e como esse progresso ajuda a trabalhar com as crianças atualmente, ressaltando a importância da tecnologia nos tempos atuais. Desse modo, podemos trabalhar junto à tecnologia a alfabetização dos discentes com TEA, nas dificuldades dos docentes em lecionar para os alunos autistas e nas consequências da segregação perante isso.

Além desses aspectos, enfatizamos que é possível alfabetizar crianças com: Transtorno Espectro Autista (TEA), por meio do uso das atividades lúdicas direcionadas, promovendo melhores formas de lecionar e elaborar atividades de acordo com cada aluno, abordando a tecnologia como um grande e importante instrumento metodológico ligado à ludicidade.

Portanto, identificamos dificuldades que podem ser sanadas através de capacitações dos profissionais da educação, os quais podem tornar possível a inclusão dos alunos nas salas regulares, realizando uma reação em cadeia, melhorando assim qualidade de vida dos discentes, intensificando a socialização dos mesmos com o resto da turma e fazendo o processo de ensino-aprendizagem acontecer de forma espontânea, acolhedora e humanizada.

2 DELINEAMENTO METODOLÓGICO

Inicialmente, vale ressaltar que se pode pensar em pesquisa como o processo de criação de um trabalho científico, utilizando recursos já existentes para chegar-se aos segmentos esperados, mediante ao uso de várias fases, originando-se da primeira ideia de tema, até a apresentação dos resultados (GIL, 2007). Ademais, no que diz respeito, também, ao posicionamento do autor Gil (2007, p. 17), a pesquisa é definida como um “procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”.

Desse modo, torna-se fundamental a delimitação do tema abordado e sua definição, em conjunto com os objetivos e hipóteses, buscando solucionar as problemáticas que serão abordadas. Cervon e Bervian (2002, p.16) reiteram que:

A ciência é um modo de compreender e analisar o mundo empírico, envolvendo o conjunto de procedimentos e a busca do conhecimento científico através do uso da consciência crítica que levará o pesquisador a distinguir o essencial do superficial e o principal do secundário.

Com isso, para melhor compreendermos o objeto de estudo em questão, escolhemos utilizar a metodologia da pesquisa bibliográfica para desenvolver este artigo. Conforme Fonseca (2002), o autor destaca a pesquisa bibliográfica que é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos e páginas de web sites. Nota-se que essa pesquisa nos permitiu uma abordagem qualitativa dos elementos

conceituais que constituem o tema, com destaque do uso das atividades lúdicas no processo de alfabetização, além do favorecimento de uma melhor reflexão sobre as dificuldades e necessidades da criança com TEA, como eles se desenvolvem no cotidiano escolar.

Além do que foi mencionado, cabe discorrer que a pesquisa qualitativa é a que “se desenvolve em uma situação natural, é rica em dados descritivos, tem um plano aberto, flexível, e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada” (LUDKE; ANDRÉ, 1986 p. 18 *apud* SERRÃO; SERRÃO, 2015, p. 58). Desse modo, compreendendo que a mesma é importante para aferir aspectos qualitativos de alguma questão, como é o caso de identificar as conquistas e os impasses experimentados pelos professores para inclusão de alunos com autismo.

A ênfase na natureza básica da pesquisa científica se deu com intuito de criar uma base de conhecimentos a respeito do assunto, ou seja, da alfabetização desses estudantes considerando o papel dos professores e familiares como essencial nesse processo. Consoante a esse posicionamento Gil (2008, p. 45) discorre que:

a pesquisa científica básica deve ser incentivada pela curiosidade e suas descobertas devem ser divulgada para toda a sociedade, possibilitando assim a transmissão e discussão dos conhecimentos científicos com visão na construção de teorias e leis.

Sendo assim, o propósito exploratório dessa pesquisa tem como principal definição o desenvolvimento, a modificação dos conceitos, ideias e esclarecimento, criando uma problemática, a qual irá resultar em pesquisas subsequentes (GIL, 2008). Conforme as ideias de Gil (2008, p. 46), “as pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato”.

Pesquisamos e analisamos as obras que continham o nosso tema principal que é a Alfabetização de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) por meio da ludicidade. Com isso, a pesquisa nos proporcionou conhecer vários tipos de obras como: livros (digitais e físicos), artigos, teses, artigos em sites especializados, entre outros. Desse modo, foram selecionados vários livros, os quais embasaram nossa pesquisa e, assim, discutimos algumas abordagens educativas, que trouxe uma introdução sobre o lúdico em diferentes aspectos e a contextualização da alfabetização nos dias de hoje. Os principais livros utilizados foram: “O lúdico em diferentes contextos”, organizado por Santa Marli Pires dos Santos (2008), e

“Autismo na Escola: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar”, de Eugênio Cunha (2013). Através dos outros livros, contextualizamos os tipos de pesquisas presentes nesse trabalho, a saber: “Metodologia Científica”, de Luiz Amado Cervo e Pedro Alcino Bervian (2002); O autor Antônio Carlos Gil (2007, 2008) nos agraciou com duas obras: “Como elaborar projetos de pesquisa” e “Métodos e técnicas de pesquisa social”.

Ademais, trouxemos, também, alguns artigos e monografias publicados, através desses materiais tivemos acesso através de sites de pesquisas e de eventos acadêmicos. Abordamos, em sua grande maioria, assuntos relacionados ao tema deste trabalho, a saber: “O Transtorno do Espectro Autista e a utilização de aplicativos para dispositivos móveis como ferramenta educacional”, de Neuma Pereira e Niltom Vieira Junior (2020); “A importância da ludicidade no desenvolvimento de crianças autistas”, monografia de Maria Alice Silva Mendes (2015); “O Transtorno do Espectro Autista e a utilização de aplicativos para dispositivos móveis como ferramenta educacional” de Pereira e Vieira Junior (2020).

3 REFERENCIAL TEÓRICO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é definido por um distúrbio no desenvolvimento físico e psíquico, possuindo particularidades atípicas que podem desenvolver-se em conjunto ou separadamente nas manifestações comportamentais que se caracterizam por déficits na comunicação e nos relacionamentos sociais, possuindo padrões no comportamento que podem ser recorrentes e padronizados (BRASIL, 2001).

A terminologia do autismo foi utilizada pela primeira vez pelo psiquiatra Bleuler (1911), que buscava especificar a esquizofrenia. Todavia, à intitulação do autismo obteve maior relevância em 1943, pelo médico Leo Kanner, que nas suas pesquisas abordava as especificações do autismo de forma relevante (CUNHA, 2019). Acerca disto, em 1943 Kanner realizou um estudo com 11 crianças e seus pais, no qual o mesmo ficou responsável pela observação, relatando suas pesquisas no artigo denominado “Distúrbios autístico do Contato Afetivo” (MERCADANTE, ROSÁRIO, 2019). Kanner (1997, p. 170) discorre que,

devemos, portanto supor que estas crianças vieram ao mundo com uma incapacidade inata de estabelecer o contato afetivo habitual com as

peçoas, biologicamente previsto, exatamente como as outras crianças vêm ao mundo com deficiências físicas ou intelectuais. Se está hipótese está correta, um estudo posterior de nossas crianças talvez permita fornecer critérios concretos relativos às noções ainda difusas dos componentes constitucionais da reatividade emocional. Pois aqui parece que temos exemplos "puros" (pure- inatos) do contato afetivo.

Contudo, as causas do autismo ainda são desconhecidas, mas os avanços que até o momento foram obtidos revelam que o TEA, pode ser associado às várias doenças neurológicas, fatores ambientais e fatores biológicos. De acordo com Leboyer (2005), as incontáveis situações patológicas são enormes e incluem diversos fatores, mesmo que não haja ligações entre eles, um ponto em comum as engloba. Isso ocorre, porque todas as etimologias estão sujeitas a indução dos distúrbios cerebrais que atingem o desenvolvimento do sistema nervoso central. Desse modo, acredita-se que o autismo conseqüentemente advém de causas determinadas e indeterminadas que envolvem o todo. Dessa forma, elas são denominadas pela Associação Americana de Psiquiatria - APA (2013), como transtorno no neurodesenvolvimento, que engloba diferentes áreas do desenvolvimento humano como a Síndrome de Rett, o Transtorno de Aperger, Síndrome de Heller, e o Transtorno Invasivo do desenvolvimento sem outras especificações.

Vale destacar, ainda, que os estudos mais recentes apontam que o diagnóstico prematuro de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem um papel fundamental no tratamento, sendo realizado nos primeiros anos de vida, talvez meses. Além disso, declaram que quanto mais cedo a intervenção terapêutica for iniciada mais eficaz será o desenvolvimento neurológico dessas crianças. Dessa forma, é imprescindível que a partir dos primeiros meses de vida os pais e familiares fiquem atentos aos pequenos sinais das características do TEA, por mais discretas e insignificantes que se mostrarem.

Algumas pesquisas relatam que sinais de autismo surgem no desenvolvimento inicial dos bebês, sendo assim, Bosa (p.47, 2005) comenta que esses bebês, comparados a outros sem problemas de desenvolvimento, veem a apresentar a falta de sorriso e expressões faciais, menor frequência de contato olho-a-olho e não tem interações com os pais ou familiares desde os primeiros meses de vida, são pequenas situações que, na maioria das vezes, passam despercebidas, causando assim o retardo do tratamento. "O diagnóstico do TEA é essencialmente

clínico, feito a partir das observações da criança, entrevistas com os pais e aplicação de instrumentos específicos” (GOMES, p. 112, 2015). Nesse sentido, após a realização do diagnóstico é importante à parceria entre família, escola e equipe médica especializada para que cada fase do desenvolvimento infantil seja estimulada de acordo com cada síndrome da criança com TEA, e que em todos os estágios não venham ser perdidos, com ações inadequadas de ensino e tratamentos. Com o avanço da medicina, mais casos são identificados e os diagnósticos e tratamentos estão tendo mais rapidez e eficácia.

Atualmente, não existe uma cura definitiva para o TEA, nem mesmo um tratamento padrão para todos os autistas, cada indivíduo precisa de um acompanhamento específico e individualizado para que sejam trabalhados e estimulados os problemas de sociabilidade. A equipe especializada (médicos, psicólogos, pedagogos, família, apoio educacional, entre outros) pode estimular o convívio social da criança no seu meio, através de grupos de conversas, das brincadeiras lúdicas e em equipe e das atividades educacionais que ocasionam a inclusão do autista. Outro ponto a ser trabalhado é o desenvolvimento da imaginação, a qual, na maioria dos casos de autismo, não há amplificação da mesma, tornando-se limitada. Há outras formas de serem trabalhadas como a do processo de leitura, contações de histórias, exibição de filmes e a criação de possibilidades, as quais precisam resolver algumas situações envolvendo raciocínio lógico e habilidades cognitivas.

Vale entender, também, que a equipe especializada precisa estar inserida nos processos educacionais, a qual irá ajudar a estimular a criança nas atividades escolares. É importante, ainda, a integração desses profissionais juntamente aos professores, pois os mesmos também estão em contato direto com as crianças e são eles que estão inteirados das limitações e avanços dos discentes.

Sendo assim, a forma com que os docentes ministram suas aulas também podem influenciar bastante no processo de aprendizagem, podendo auxiliar na compreensão do aluno ou a confundi-lo. Nesse sentido, há a necessidade de atividades adaptadas com o conteúdo abordado na sala de aula, fazendo assim que não exista uma integração fantasiada de inclusão. As atividades lúdicas são de

extrema importância para o desenvolvimento da criança autista, pois, de acordo com Mendes (2015, p. 15),

favorece o seu desenvolvimento em múltiplas habilidades e funções no plano cognitivo, social, emocional e, também, motriz. No Transtorno do Espectro Autista (TEA) é comum que encontre alguma alteração no jogo, especialmente, a nível simbólico.

No entanto, a ludicidade precisa ser feita com bastante harmonia com a criança, já que todo o processo é baseado no que a mesma vai sentir ao aprender aquele conteúdo. Uma das principais ferramentas da ludicidade são os jogos, que se transformam em instrumentos lúdicos de aprendizagem, de forma agradável e eficaz, proporcionam um processo rápido de mudança de comportamento e aquisição de novos conhecimentos, assim como o processo de alfabetização. Desse modo, aprender jogando torna o processo mais prazeroso para as crianças, de maneira lúdica, a aprendizagem irá acontecer de uma forma abrangente.

Ao separar as crianças do ambiente lúdico, está automaticamente ignorando seus próprios conhecimentos, pois brincar e criar são momentos fundamentais para a criança, possibilitando ao sujeito a desenvoltura de sua criatividade no seu contexto social. Percebemos que a habilidade de criar de cada criança está muito entrelaçada aos momentos de ludicidade, dando vida ou transformando o objeto em algo importante em sua brincadeira.

Desse modo, ao traçar um paralelo entre a condição geral do comportamento de uma criança com TEA e a ludicidade como ferramenta de alfabetização, o lúdico assume um papel essencial no processo de ensino e aprendizagem, visto que facilita o desenvolvimento da inteligência emocional e das relações interpessoais, as quais, por sua vez, viriam retroalimentar o interesse pela aprendizagem.

Portanto, inserindo os conhecimentos práticos e teóricos sobre as inteligências múltiplas e questões relacionadas à inclusão social, o lúdico torna-se um poderoso instrumento de socialização, construção da personalidade, fomento da empatia e humanização.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A organização e melhoria do ensino-aprendizagem de alunos com TEA, através desse complemento teórico, promoverão impactos positivos na alfabetização do educando. Sendo, inicialmente, percebidas melhorias que acarretarão em uma oportunidade inclusiva satisfatória, seja através de mudanças nas atividades

organizacionais pedagógicas, seja no atendimento das necessidades do aluno. É indispensável

a cooperação entre neurologistas, psiquiatras, neurocientistas, psicólogos, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais e educadores. É crucial não somente para impulsionar o entendimento do TEA e permitir um manejo mais adequado desses indivíduos durante toda a sua vida, mas também para permitir uma visão mais clara do ser social como um todo (GADIA; TUCHMAN; ROTTA, 2004, p. 86).

As instituições de formação superior, em suas grades curriculares do curso de Pedagogia, salientam a importância do Lúdico em salas de aula, dando visibilidade para o “educar brincando”, as quais se encontram nas Diretrizes Curriculares Nacionais Para Educação Infantil (DCNs).

Além desse fator, o ambiente escolar ao estimular, em conjunto com os docentes, a utilização da Ludicidade, procura incluir todos os indivíduos presentes e nele os estímulos que serão utilizados se tornaram uma ponte, entre os conteúdos de ensino e o lúdico. Para Mantoan (2003, p. 09),

os ambientes humanos de convivência são plurais por natureza. Assim, a educação escolar não pode ser pensada nem realizada senão a partir da ideia de uma formação integral do aluno—segundo suas capacidades e seus talentos — e de ensino participativo, solidário, acolhedor.

Desse modo, espera-se que as brincadeiras e recreações se tornem parte da estruturação da criança e de seus comportamentos, envolvendo-se de maneira clara nas interações que as mesmas terão em sociedade. O lúdico transforma-se em engrenagens de apoio no desenvolvimento dos aspectos físicos, emocionais e intelectuais (BROUGÈRE, 2004).

Na atualidade, os professores têm investido muito em recursos e métodos específicos para atender à carência de alunos com TEA, sendo fundamental para um resultado positivo. Vygotsky (1984) reforça que a utilização de jogos, brincadeiras e material dinâmico auxiliam no desenvolvimento dos sistemas semióticos ou sistemas de signos que, segundo ele, são mecanismos colaboradores e ajudam em trabalhos que necessitam de atenção e memória. Relatam Silva e Veras (2020, p. 04) discorrem que:

trabalhar com signos abrange uma infinidade de atividades, jogos, que podem representar objetos, lugares, conceitos. Tudo isso é importante, pois leva os alunos a entenderem que esses sinais representam algo. A função semiótica constitui uma das tarefas fundamentais para quem trabalha com alunos com necessidades educacionais especiais, posto que seja fundamental para o avanço da linguagem de uma forma geral (não só oral, mas também a linguagem escrita e outras formas de representações), esse

desenvolvimento possibilita o diálogo entre o adulto e a criança, entre educando e o educador.

Considerando as reflexões de Vygotsky (1984), o teórico cita, ainda, que a deficiência, defeito ou problema não constituiriam, em si, um impedimento para o desenvolvimento do indivíduo, o mesmo centraliza seu enfoque nas possibilidades oferecidas devido às intervenções estabelecidas pelo docente.

As pesquisas, no Brasil, sobre a inclusão escolar de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no sistema regular de ensino público e particular, estão crescendo a cada dia, assim como as apurações sobre o desenvolvimento de alfabetização e letramento através da ludicidade.

Segundo Cunha (2013, p. 21), “levando em consideração o TEA, o processo de ensino-aprendizagem mais utilizado é o behaviorista”, devido à sua superioridade, predominando a vertente que trabalha a mudança do comportamento através do condicionamento operante, utilizando o estímulo, o reforço e expressões verbais. Logo, há a necessidade de estabelecer uma relação entre cotidiano, mediação pedagógica e formação de conceitos no processo de desenvolvimento de habilidades da criança com TEA (PEREIRA; VIEIRA JÚNIOR, 2020).

4.1 DOCENTES CAPACITADOS MELHORAM O ENSINO

Atualmente, observa-se que cada vez mais a sociedade vem se mostrando crescentemente informada sobre a inclusão de alunos deficientes que precisam de um atendimento escolar personalizado. A partir disso, as escolas vêm moldando-se para a integração dessas crianças no ensino regular, concretizando o aprendizado. Isso ocorre, pois é de grande importância que tudo seja adaptado para que o ambiente escolar atenda os requisitos desses alunos com deficiência, sendo possível notar o desafio da escola em promover um ensino de qualidade, objetivando metas para superar as dificuldades que virão na jornada (BARBOSA et al., 2013).

Desse modo, para que a inclusão aconteça, é importante que a definição da palavra esteja sendo utilizada de maneira correta. Barbosa et al (p. 06, 2013) afirma, categoricamente, que “o ato de incluir vai além da inserção, faz-se necessário tornar o indivíduo parte de um todo, para que o mesmo não seja rotulado e excluído por

apresentar comportamentos e características diferenciadas”. Nesse sentido, nota-se a grande valia da escola disponibilizar capacitações aos profissionais da instituição, para que os mesmos aprendam a lidar com a diferença de cada indivíduo. Com isso, percebe-se que se o corpo docente estiver preparado os profissionais da área saberão respeitar, entender e conviver, com todos que venham ingressar as instituições de ensino, disponibilizando para todos a qualidade de ensino, sendo dever da escola e do educador buscar sempre o melhor para atender o interesse dos discentes. De acordo com Lopez (2011, p. 16),

professores, orientadores, supervisores, direção escolar, demais funcionários, famílias e alunos precisam estar conscientes dessa singularidade de todos os estudantes e suas demandas específicas. Esta tomada de consciência pode tornar a escola um espaço onde os processos de ensino e aprendizagem estão disponíveis e ao alcance de todos e onde diferentes conhecimentos e culturas são mediados de formas diversas por todos os integrantes da comunidade escolar, tornando a escola um espaço compreensível e inclusivo.

Posto isto, percebe-se que são inúmeras as dificuldades que os alunos autistas e seus respectivos professores encontram para adaptar-se e entender a rotina da escola, pois para os discentes a escola é um mundo novo, sendo assim, é normal a criança ficar aborrecida em um ambiente desconhecido, como o da escola. Desse modo, buscar apoiar-se em seus movimentos e em coisas que a mantenha em sua zona de conforto, além do medo e da raiva, tornam-se seus maiores e mais traumáticos desafios. O docente deve estar a par do mundo autístico e o compreendendo, o mesmo deve se adaptar ao discente e não o contrário (CUNHA, 2017). Ocasionalmente, os docentes se acham despreparados na condução dos alunos, no âmbito escolar, pois a inclusão ainda é uma realidade nova para muitos professores e para os ambientes escolares:

A presença de alunos com necessidades educacionais especiais tem provocado nos educadores sentimentos de impotência, frustração e angústia frente às limitações dos alunos e das próprias limitações, por não conseguirem oferecer atendimento individualizado a esses alunos (MATOS; MENDES, 2014, p. 35-59).

É necessário pontuar, também, que o âmbito escolar inclusivo é essencial, pois mesmo que os alunos já tenham algum conhecimento de mundo é extremamente relevante que a escola esteja preparada para se adaptar a todos os alunos que venham ingressar na mesma:

Compete à escola adaptar-se para atender às capacidades e necessidades do estudante na classe comum, mobilizando ações e práticas diversificadas

que, além do acesso, propicie condições de permanência exitosa no contexto escolar (KELMAN; ALBUQUERQUE; BARATO, 2010, p. 226).

Conclui-se que os docentes são os intermediários do processo inclusivo, porque promovem o primeiro contato da criança com a sala de aula e, também, é o principal responsável para incluí-los nas atividades com a turma. Para que a inclusão aconteça os sistemas de ensino precisam criar âmbitos escolares que sejam capazes de promover a capacitação dos professores e de todos os funcionários para compreender as particularidades de cada criança, aprendendo a conviver e oferecendo as mesmas condições de ensino a todos, juntamente com as condições de desenvolvimento. Salientamos, assim, a importância de uma escola inclusiva e com profissionais capacitados nas diversas áreas de conhecimentos, pois a escola é uma ferramenta importante na integração social (BARBOSA et al., 2013).

4.2 A TECNOLOGIA COMO INSTRUMENTO METODOLÓGICO

Para Pereira e Vieira Junior (2020), mesmo que o TEA vá acompanhar o paciente por toda a sua vida, o desenvolvimento de atividades que o estimulem a ganhar maior autonomia é fundamental dentro do seu tratamento, devendo considerar as habilidades que as crianças desta geração demonstram pelos dispositivos tecnológicos, o que pode vir a favorecer sua interação no âmbito escolar e familiar, devido às suas preferências por celulares, computadores, tablets, jogos, entre outros.

No que se refere à educação de crianças autistas, com algum tipo de deficiência intelectual ou transtorno de aprendizagem, a tecnologia torna a aprendizagem como uma atividade motivadora e atraente aos alunos da era digital, pois essa ferramenta vem alcançando uma importância ainda maior no plano pedagógico de muitas escolas. Percebe-se, dessa forma, que é por meio das novas tecnologias que se cria uma experiência mais personalizada de aprendizagem e, conseqüentemente, amplia as possibilidades dos professores em sala de aula ao utilizar esses recursos tecnológicos disponíveis ao seu favor, consciente do seu compromisso em analisar e estudar o desenvolvimento de cada criança. (ALEXANDRE, SACHS, SALVANY, 2020).

Outro fator relacionado aos alunos com TEA é que a comunicação pode ser uma das grandes dificuldades presentes em suas vidas. Dessa forma, nota-se que pode ser apresentado o uso das ferramentas tecnológicas e nada melhor do que usar os estímulos visuais e sonoros presentes em tablets ou celulares para comunicar algum ensinamento. É nessa linha de trabalho que vem a proposta de utilizar as novas tecnologias como meio de ensino e aprendizagem positivo, os quais desenvolvem práticas e mecanismos adequados para promover a inclusão da criança autista na sociedade.

A tecnologia, hoje, é fundamental para a soma de funções, sejam elas pessoais ou profissionais, gerando maior efetividade e agilidade no dia a dia. Ao mesmo tempo, se tornou essencial também para a área médica, obtendo vários benefícios para o tratamento de alguns quadros de saúde, sendo parte importante da terapia do Transtorno do Espectro Autista. A tecnologia assistiva é uma das ferramentas mais importantes na atualidade, podendo auxiliar no desenvolvimento de alunos com TEA, tanto para fins educacionais, quanto para pessoais. Vale ressaltar, também, que a mesma tem algumas vantagens, pois é capaz de transmitir informações de rápido acesso, podendo ser utilizada de forma flexível e em qualquer lugar, com ênfase em tempo real e gratuita (FERNANDES *et al.*, 2014 *apud* PEREIRA; VIEIRA JÚNIOR, 2020).

Para melhor entendimento a tecnologia assistiva é conceituada como:

Uma área do conhecimento, de característica interdisciplinar, que engloba produtos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivam promover a funcionalidade, relacionada à atividade e participação, de pessoas com deficiência, incapacidades ou mobilidade reduzida, visando sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social (ITS BRASIL; MICROSOFT EDUCAÇÃO, 2008, p. 11).

No tratamento do autismo, é fundamental que se utilize recursos que atraiam a atenção da criança com intuito de estimular a interação e a participação do educando no processo de ensino-aprendizagem, sendo uma forma de fazer com que o seu desenvolvimento social cresça de maneira natural, tornando-o motivado e impulsionado pelos tipos de atividades aplicadas. De acordo com Pereira e Vieira Junior (2020), objetos digitais de aprendizagem podem ser utilizados como tecnologia assistiva, como: jogos online, simulações, animações, aplicativos e vídeos; fazendo com que a criança interaja e responda aos estímulos causados pela atividade. Através desses elementos, percebe-se uma maior participação à medida

que os recursos vão sendo familiarizados e agregados como estratégias de aprendizagem de maneira que fique muito mais clara e lúdica, aumentando, nesse contexto, a qualidade de vida e potencializando o desenvolvimento de crianças com autismo.

Relatam Alexandre, Sachs e Salvany (2020) que existem jogos desenvolvidos especialmente para crianças com TEA, os quais têm funções que contêm comando de voz que podem ajudar crianças autistas a realizarem algum tipo de interação. Vale ressaltar, ainda, que mesmo inicialmente essa interação seja com aparelhos eletrônicos e não com uma pessoa, ela dará passos em seu desenvolvimento e, de alguma maneira, mantendo-se em algum universo, que não seja só do seu próprio hemisfério.

De forma geral, “o uso da tecnologia aliado aos jogos educacionais pode desempenhar um papel fundamental para uma melhora significativa na qualidade de vida desses indivíduos” (ALEXANDRE, SACHS, SALVANY, 2020,p.670), percebe-se, então, que essa metodologia abre portas para o desenvolvimento de crianças com alguma dificuldade de aprender ou de interagir. Os mesmos comentam que, também, foi criada uma série de softwares pelo Departamento de Ciência da Computação, com propriedades de ensino bem direcionados, que ajudam a trabalhar suas habilidades de relacionamento, comunicação e expressão, e, assim, mostram às crianças como fazer questões básicas, como higiene pessoal, cuidados com o meio ambiente, mudanças de rotinas. Desse modo, reconhecer suas emoções e como se alimentar corretamente, ajuda aos professores acima de tudo no processo de alfabetização, que por meio de algumas atividades e jogos usados nas escolas para as crianças autistas não visam apenas o conteúdo programático, mas sim a interação e desenvolvimento pessoal da criança.

O ambiente escolar como instituição da sociedade tem o compromisso de fazer a adaptação, promovendo aos alunos autistas a oportunidade da convivência social, sendo necessário que a mesma, juntamente com o corpo docente, conheça o autismo e suas particularidades. Além disso, a instituição deve buscar conhecer bem sua clientela, buscando sempre atender suas necessidades, sem abrir mão da qualidade de ensino oferecida, pois trabalhar com alunos com Transtorno do Espectro Autista é desenvolver práticas e estratégias pedagógicas que englobem a todos respeitando as diferenças. Para Silva, Gaiat e Reveles (2012, p. 19), “entender e dominar o mundo singular dos indivíduos com autismo é ter a oportunidade de

participar de um milagre diário: a redescoberta do que há de mais humano em nós e neles".

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que a pesquisa ressaltou o quanto é importante a ludicidade na prática pedagógica no processo de alfabetização de crianças com o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e que é necessário entender o universo em que esses alunos encontram-se inseridos, pois, além de começarmos a identificar como podemos trabalhar a alfabetização junto à ludicidade, atentamos para o avanço nos estudos sobre o assunto e, dessa forma, entender como a tecnologia pode auxiliar nesse processo.

As crianças com TEA tem o total direito de serem alfabetizadas, mesmo com todas as limitações que venham a apresentar, isso não deve ser um empecilho. Nesse sentido, entendemos que não existe uma fórmula pronta de alfabetização, é preciso que cada caso seja analisado e estudado por toda equipe educacional, pois mesmo que uma prática funcione para a instrução de um, não necessariamente funcionará para outro, ainda que tenham o mesmo diagnóstico eles podem reagir de formas diferentes à mesma proposta pedagógica. Através do que foi mencionado, isso não significa dizer que a proposta seja invalidada, mas sim que o docente juntamente com seu planejamento didático utilize outras maneiras para transferir seu conhecimento.

Com isso, ao utilizar a ludicidade na prática pedagógica, é um recurso essencial no processo de alfabetização podendo ser trabalhada de diferentes formas em conjunto com a didática do professor. Desse modo, observamos que é extremamente necessário o lúdico para o desenvolvimento da aprendizagem do autista no cotidiano escolar.

Vale discorrer, ainda, que as atividades online estão cada vez mais presentes no dia a dia das escolas por todo o mundo, as quais são impossíveis de fugir dessa nova realidade no mundo educacional, por conta disso, é de tamanha importância que a escola e seus colaboradores permeiem nessa era digital. Devemos buscar o que há de melhor na tecnologia para que possamos incluir os alunos autistas também nesse mundo contemporâneo, promovendo atividades que desenvolva seu conhecimento. Atividades lúdicas e jogos educacionais na internet devem ser

difundidos no cotidiano escolar, buscando despertar um melhor interesse dos alunos, a fim de proporcionar um processo educacional mais divertido e atrativo.

Compreendemos que há muitos desafios pelo caminho para se chegar à alfabetização de muitas crianças com TEA, como também entendemos que não é impossível quando acontece de forma natural, espontânea, motivada pela brincadeira e que a importância da formação do professor diante desse desafio é fundamental para inclusão juntamente com a própria escola, família e sociedade.

Nesse sentido, acreditamos que os docentes são agentes ativos na formação dos cidadãos no processo de aquisição da aprendizagem, colaborando com o conhecimento dos discentes. Dessa forma, os professores devem criar experiências na sua carreira profissional, incorporando novas capacitações para atender às demandas da atual geração e das suas pluralidades. Para isso acontecer, é necessário que os professores estejam sempre de mente aberta, livres de preconceitos e sejam capazes de ouvir opiniões contrárias às suas para atualizar-se, para uma melhoria e aperfeiçoamento da sua didática.

Além desses fatores, é importante a participação da família e da instituição juntamente com os profissionais adequados para que seja feito um trabalho mais articulado na psicomotricidade, no social, e no emocional da criança, fazendo-se necessário a formação continuada do docente.

Portanto, ressaltamos os notáveis avanços na inclusão dos alunos na sala de aula, os quais deverão continuar a avançar em busca de uma total inclusão sem a segregação dos alunos com TEA nas salas regulares. À vista disso, concluímos a importância da preparação dos docentes e corpo escolar, pois acreditamos que o âmbito escolar seja um poderoso aliado no desenvolvimento dos educandos, ao qual a mesma necessita estar apta a todos e não o contrário concedendo a todos os direitos estabelecidos por leis.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, A.A; SACHS, C. R.B; SALVANY, A.F. Jogos Educativos para Crianças com Transtorno do Espectro Autista: **auxílio na Comunicação e Alfabetização**. In: SBC – Proceedings of SBGames 2020 — ISSN:2179-2259. Londrina, 2020. p.670. Disponível em: <https://www.sbgames.org/proceedings2020/EducacaoFull/208759.pdf>. Acesso em: 27 set. 2021.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). Diagnostic and Statistical manual of Mental Disorders, Fifth Edition (DSM - V). Arlington, VA: American Psychiatric Association, 2013.

BARBOSA, A M; ZACARIAS, J. C; MEDEIROS, K. N; NOGUEIRA, R. K. S. **O papel do professor frente à inclusão de crianças com autismo**. Universidade Católica do Paraná. EDUCERE, Curitiba, 2013. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/CD2013/pdf/7969_6165.pdf> Acesso em: 15 de set. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Plano diretor. Brasília, 2001. Disponível em: <<https://linhasdecuidado.saude.gov.br/portal/transtorno-do-espectro-autista/definicao-tea/>> Acesso em: 1 de out. 2021.

BOSA, C. A. Sinais Precoces de Comprometimento Social no Autismo: **Evidências e Controvérsias**. In: CAMARGOS JR., WALTER Transtornos Invasivos de Desenvolvimento, 3º Milênio. DF – Ministério da Justiça, 2º Edição, 2005.

BROUGÉRE, G. **Brinquedos e Companhia**. São Paulo: Cortez, 2004.

CERVON, A. L; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1620081/mod_resource/content/1/Apostila%20da%20metodologia%20de%20pesquisa.pdf. Acesso em: 04 maio 2021.

CUNHA, E. **Autismo na Escola: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar – idéias e práticas pedagógicas**. 4. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013.

CUNHA, E. **Autismo e inclusão: psicopedagogia práticas educativas na escola e na família**. 7 ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2017.

FONSECA, J. J. S. **Metologia da pesquisa científica**. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2002. Disponível em: <http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2012-1/1SF/Sandra/apostilaMetodologia.pdf>. Acesso em: 05 maio 2021.

FALKEMBACH. G. A. M. **O lúdico e os jogos educacionais**. Porto Alegre: UFRGS, 2006 Disponível em: http://penta3.ufrgs.br/midiasedu/modulo13/etapa1/leituras/arquivos/Leitura_1.pdf. Acesso em: 25 mar. 2021.

ITS BRASIL; MICROSOFT EDUCAÇÃO. **Tecnologia Assistiva nas escolas: recursos básicos de acessibilidade sócio-digital para pessoas com deficiência**. [s. l.]: Instituto de Tecnologia Social (ITS Brasil)/ Microsoft Educação, 2008. Disponível em: http://www.galvaofilho.net/livro_TA_ESCOLA.pdf. Acesso em: 03 maio 2021.

GADIA, C. A.; TUCHMAN, R.; ROTTA, N. T. Autismo e doenças invasivas de desenvolvimento. **Jornal de Pediatria Sociedade Brasileira de Pediatria**, Juiz de

Fora, v. 80, n. 2, p. 83-94, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/jped/v80n2s0/v80n2Sa10> . Acesso em: 21 maio 2021.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007. Disponível em: http://www.uece.br/nucleodelinguasitaperi/dmdocuments/gil_como_elaborar_projeto_de_pesquisa.pdf. Acesso em: 04 maio 2021.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 04 maio 2021.

GOMES P.T.; Autismo no Brasil: uma revisão sistemática dos desafios familiares e das estratégias de enfrentamento. *Pediatria (Rio J)*. 2015;91(2):111–121. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572015000200111&lng=en&nrm=iso&tlng=pt Acesso em: 17 de nov. de 2021.

KANNER L. Os Distúrbios Autísticos de Contato Afetivo. (In:) P.S. ROCHA (org), *Autismo*. São Paulo: Ed. Escuta; Recife : Centro de Pesquisa em Psicanálise e linguagem, 1997.

KELMAM, C. A.; ALBUQUERQUE, D.; BARBATO, S. (org.) **Desenvolvimento Humano, educação e inclusão escolar**. Brasília: Editora UnB, 2010.

LEBOYER, M. *Autismo infantil: fatos e modelos*. 5 Ed. Campinas, SP, Papirus, 2005.

LOPEZ, J. C. **A formação de professores para a inclusão escolar de estudantes autistas**: contribuições psicopedagógicas. 2011. Trabalho final do curso (Especialização em psicopedagogia clínica e institucional) - Universidade de Brasília. Instituto de Psicologia – Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED, Brasília, 2011.

MATOS, S. N.; MENDES, E.G. A proposta de inclusão escolar no contexto nacional de implementações das políticas educacionais. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 10, n. 16, p. 35-59, jan./jun. 2014.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar**: O que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Ed. Moderna, 2003. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/211/o/INCLUS%C3%83O-ESCOLARMaria-Teresa-Egl%C3%A9r-Mantoan-Inclus%C3%A3o-Escolar.pdf>. Acesso em: 21 maio 2021.

MENDES, M. A. S. **A importância da ludicidade no desenvolvimento de crianças autistas**. 2015. Monografia (Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar) – Universidade de Brasília, Universidade Aberta do Brasil, Brasília, 2015. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/15863#:~:text=Maria%20Aline%20Silva.-,A%20import%C3%A2ncia%20da%20ludicidade%20no%20desenvolvimento%20de%20crian%C3%A7as,2015.&text=A%20atividade%20l%C3%ADica%20%C3%A9>

20essencial,emocional%20e%2C%20tamb%C3%A9m%2C%20motriz. Acesso em: 26 mar. 2021.

MERCADANTE, M, T; ROSÁRIO, M. Autismo e cérebro social. São Paulo: Segmento Farma, 2009.

PEREIRA, N. M; VIEIRA JUNIOR, N. **O Transtorno do Espectro Autista e a utilização de aplicativos para dispositivos móveis como ferramenta educacional.** *Revista P@rtes*, São Paulo, 28 jan. 2020. Disponível em: <https://www.partes.com.br/2020/01/29/o-transtorno-do-espectro-autista-e-a-utilizacao-de-aplicativos-para-dispositivos-moveis-como-ferramenta-educacional/>. Acesso em: 07 maio 2021.

SANTOS, S. M. P. (org.). **Brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos.** 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

SERRÃO, M. R. P.; SERRÃO, M. R. S. **O lúdico como recurso didático na educação infantil.** 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Rural da Amazônia, Gurupá, 2015. Disponível em: <http://bdta.ufra.edu.br/jspui/bitstream/123456789/750/1/O%20l%20C%20BAdico%20com%20recurso%20did%20A1tico%20na%20educa%20A7%20A3o%20infantil.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2021.

SILVA, J. R.; VERAS, D. S. **O processo de aprendizagem de crianças com tea e as experiências de professores na educação inclusiva.** *In: CINTEDI*, 4., 2020, Campina Grande. **Anais** [...]. Campina Grande: Realize Editora, 2020.p. 1-12. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/cintedi/2020/TRABALHO_EV137_MD1_SA6_ID1174_13112020095604.pdf. Acesso em: 28 maio 2021.

SILVA, A. B. B; GAIAT, M.; REVELES, L. T. **Mundo Singular: entenda o autismo.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

SOUZA, M. E. S; MARQUES, T. L. L; PEREIRA, A. M. A. A alfabetização de crianças autistas através da ludicidade. *In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO*, 5., 2018, Recife. **Anais** [...]. Recife: Realize, 2018. p. 1-12. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2018/TRABALHO_EV117_MD1_SA9_ID10091_10092018120544.pdf. Acesso em: 04 abr. 2021.

VYGOTSKY, L. S. **Formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1984.

WHITMAN, T. L. **O desenvolvimento do autismo: social, cognitivo, linguístico, sensorio-motor e perspectivas biológicas.** São Paulo: M.books, 2015.